

# Vilas Boas isolados temem ataque de índios que cercam expedição

MARIO CHIMANOVITCH  $\Delta$  enviado especial

Rio Peixoto de Azevedo — Anteriormente, segundo os irmãos Vilas Boas, a única preocupação existente entre os expedicionários era a presença dos homens do Serviço de Topografia e Nivelamento do 9º BEC, pois os trabalhadores, completamente despreparados para o contato com índios ainda arredios, poderiam reagir de maneira violenta, assim como Aureliano Bispo, ao menor contato, ainda que amistoso, com os kreen-akarores.

Entretanto, apesar dos riscos, das trincheiras construídas e das bombas de gás lacrimogênio, a presença da turma de topografia junto aos homens da Funai assegurava a estes, através de um velho rádio de campanha, as possibilidades de contato com a base de Cachimbo e com a 5ª Delegacia Regional, em Cuiabá, que se encarregava, ainda que deficientemente, de suprir a expedição.

A última mensagem enviada à 5ª DR por Orlando Vilas Boas, antes da retirada do rádio, alertava ao Cotz — Coordenação de Operações da Transamazônica — da necessidade do envio urgente de um aparelho ao Peixoto de Azevedo, pois sem ele estava afetado sensivelmente o esquema de segurança da expedição.

— Assim estão simplesmente jogando com as nossas vidas — desabafa Orlando Vilas Boas. Sem rádio e sem avião de apoio não posso prever um futuro muito otimista para esse trabalho de pacificação. Agora que estamos finalmente desligados da turma de topografia e pretendemos partir para um trabalho mais ofensivo, não dispomos de nenhum apoio logístico. Assim não dá. Para mim é a última. Depois dos kreen-akarores vou-me dar ao trabalho de percorrer as universidades brasileiras para melhor explicar e definir a situação atual do nosso índio, essa diminuta ilha humana cercada de inimigos por todos os lados.

## Os sons e o medo

No acampamento do rio Peixoto de Azevedo, principalmente à noite, os sons naturais da mata confundem-se sempre com uma variedade de outros que os índios da expedição não têm nenhuma dificuldade em identificar e interpretar. São nhambus, jaós, macucos e até mesmo onças e porcos-do-mato que *piam* e *grunhem* fora de hora. São sons emitidos pelos kreen-akarores, dando a entender que estão por perto, talvez ameaçadores, talvez simplesmente curiosos.

Cláudio Vilas Boas, sempre atento, adverte para que ninguém se afaste sozinho do acampamento, "nem mesmo para as necessidades fisiológicas."

— É preciso muito cuidado — assevera o sertanista, pois os kreen-akarores, como todos os índios do grupo Gé, são bastante agressivos. Recolhem e trocam presentes e, quando menos se espera, atacam em massa, geralmente ao amanhecer, apanhando a expedição totalmente sonolenta e indefesa.

## Contatos

No lugar dos presentes oferecidos pelos sertanistas, em tapiris estrategicamente armados nas proximidades do acampamento, os kreen-akarores têm deixado sempre algumas bordunas, flechas, cocares e espigas de milho que impressionam sempre pelo tamanho exagerado. Cláudio avisa também que, apesar da pouca comida, ninguém deve caçar, pois os disparos poderão assustar ou irritar os índios que têm, curiosamente, quebrado todos os espelhos que os sertanistas teimam sempre em lhes oferecer.

— Acho que eles se assustam com a própria cara que não deve ser muito bonita — afirma Cavé, um inteligente índio kayabi, que faz parte da turma de cantores de sua tribo, encarregada de *seduzir* os kreen-akarores.

No acampamento abandonado pela turma de topografia, entre as palhoças já se decompondo, são evidentes os sinais das exageradas precauções tomadas por aqueles homens, que temiam sempre o ataque.

Algumas trincheiras, com abrigo de madeira resistente, dão um toque pitoresco, ao mesmo tempo que comprometedor ao rústico acampamento.

Orlando Vilas Boas, imobilizado na rede, pois tem febre alta e a perna machucada ainda dói bastante, revela um fato até então desconhecido, que dá bem a medida dos perigos que cercam a aproximação com os kreen-akarores a esta altura, pois os índios, segundo o tenente-aviador Luciano, inexplicavelmente estão reconstruindo a aldeia maior a que haviam ateado fogo há pouco mais de 15 dias:

— Em 1969 — conta o sertanista — quando chegamos na maior das aldeias dos kreen-akarores, eles imediatamente

fugiram à nossa aproximação. Ali encontramos ainda fumegantes os ossos de, pelo menos, oito pessoas, provavelmente garimpeiros ou caçadores de peles que foram abatidos ao se aventurarem pelo território dos índios gigantes. Constatamos que os índios, mesmo não sendo antropófagos, têm o estranho costume de cremarem o corpo de sua vítima. Somente as vítimas, pois na mesma aldeia encontramos também algumas bem cuidadas sepulturas, provavelmente de mortos da tribo.

E se já não bastasse a presença incômoda de toda sorte de insetos que dia e noite assolam o acampamento, quase enloquecendo, as histórias e advertências do Vilas Boas, somadas ainda aos *pios* e *grunhidos*, só servem para tornar as horas de sono cada vez mais desconfortáveis. Assim, para os menos experientes, a noite é de completa vigília: olhos assustados e bem abertos, lanterna sempre acesa e o revólver a descansar na cinta, sem deixar de falar naqueles que chegam a dormir de botas, temendo, ao acordar, um ataque fatal de alguma cascavel ou jararaca mais atrevidas.

## A confraternização

Nas rústicas mesas do acampamento, à hora do almoço ou do jantar, índios kayabis, trumais, suíás, kamaturás, txucarramães, cui-curus, txicoes e jurunas, entre brincadeiras e alto espírito de camaradagem, dão-nos uma profunda lição de confraternização, deixando-nos, os *civilizados*, profundamente invejosos.

Algumas dessas tribos foram por muitos anos inimigas entre si. Hoje, graças ao esforço dos irmãos Vilas Boas, existe entre esses índios recíproco sentimento de respeito e amor, que se evidencia desde a distribuição da já escassa comida às provas de solidariedade nos momentos de doença ou perigo.

Os sangrentos combates, que invariavelmente resultavam em grandes morticínios para as partes beligerantes, quase levando ao extermínio algumas tribos, como os trumais, hoje reduzidos a pouco mais de 20 pessoas, quase dizimados que foram pelas guerras com os suíás, no Parque Nacional do Xingu cedem lugar a uma pacífica convivência de trabalho e auxílio mútuo. Os conflitos cessaram e no acampamento do Peixoto de Azevedo essa amizade parece-se tornar mais eloquente quando todos, reunidos às mesas, falam de seus filhos e de suas casas.

Bdiaiá e Tamur são dois jovens txucarramães, tribo de quem os kreen-akarores são ferrenhos inimigos de longa data. Os dois foram trazidos do Xingu pelos Vilas Boas, especialmente para identificarem as ações e táticas empregadas pelos *gigantes*, a quem conhecem bem, desde os combates em que chegaram a tomar parte.

De longos cabelos negros, que não têm o costume de cortar, os txucarramães têm que usar bonés para escondê-los. Eles evitam conversar no seu dialeto, pois se chegarem a ser identificados pelos kreen-akarores, antes do contato inicial, isso lhes poderia ser fatal.

— Eles seriam os primeiros visados num ataque de surpresa — explica Orlando — e poderiam até mesmo comprometer nosso trabalho, pois os kreen-akarores, vendo dois de seus inimigos naturais entre nós, certamente suspeitariam de nossas boas intenções. Assim, os dois estão mais do que avisados para não conversarem em seu dialeto nem deixarem os longos cabelos à mostra.

Apesar dos riscos que pode trazer, a presença de Bdiai e Tamur é bastante importante para os Vilas Boas. O menor gesto dos kreen-akarores poderá ser corretamente interpretado pela dupla que confessa não ter medo e se diz ainda disposta a selar a amizade definitiva entre txucarramães e kreen-akarores.

O plano de Orlando, atrair os índios através do canto dos kayabis, já está sendo colocado em prática no Peixoto de Azevedo: todas as noites, logo após o jantar, em volta de uma grande fogueira, uma dúzia de kayabis, no melhor estilo, entoam os seus belos e significativos cantos, apelando aos seus irmãos na mata para que se aproximem em paz. Após a cantoria, há ainda uma verdadeira sessão de música promovida por uma potente vitrola portátil. Assim, em plena mata, misturando-se com toda sorte de ruído Vila-Lobos, Mozart, Bach e outros menos famosos entremeiam-se com Luis Gonzaga e Chico Buarque, não faltando um raro exemplar de Carmem Miranda.

— Assim — diz ainda Orlando, que não consegue perder o bom humor — não há kreen-akarore que resista à curiosidade de vir espiar mais de perto a música dos caraíbas — os homens brancos, na linguagem indígena.

# Instituto Socioambiental

fonte: Journal do Brasil class.: 47

data: 26/06/1972 pg.: \_\_\_\_\_

A gripe violenta em Orlando Vilas Boas, a falta de meios de comunicação com Cuiabá e a escassez cada vez maior de alimentos estão criando um clima de grande tensão entre os homens da expedição da Funai, que temem um ataque dos kreen-akarores, pois os índios rondam de maneira suspeita o precário acampamento à margem direita do rio Peixoto de Azevedo.

Desde que a turma do serviço de topografia e nivelamento do 9.º BEC desligou-se definitivamente da expedição, tomando rumo Sul, começaram a se agravar os problemas dos Vilas Boas. Com os topógrafos foi o radiotransmissor, e os sertanistas, completamente isolados e sem recursos, já não têm como pedir auxílio em caso de um acidente.

